

(GT 6: Diversidade e Educação)

**“Sementes da Paixão”:
História oral, práticas pedagógicas e ecologia dos saberes na
comunidade rural São José de Alagoa Nova - PB**

Raquel Pirangi Barros ¹
João Batista Gonçalves Bueno ²

Resumo:

O presente artigo problematiza como os conhecimentos orais e saberes tradicionais dos camponeses que preservam as “Sementes da Paixão” na comunidade rural São José de Alagoa Nova podem contribuir com os processos de multiletramentos dos estudantes da Escola Municipal Mariana Lídia de Ataíde? Objetivamos refletir sobre a importância das memórias e conhecimentos passados de geração em geração, através da tradição oral. Os procedimentos metodológicos usados são estudos bibliográficos, fontes documentais locais, nossa experiência na área educacional, relacionando com a história oral e a valorização das sementes da paixão. Como trata-se de uma pesquisa em andamento, ainda não dispomos de resultados a serem analisados e discutidos.

Palavras-chave: Sementes da Paixão; História oral; Memórias; Ecologia dos Saberes.

Abstract:

This article problematizes how the oral knowledge and traditional knowledge of the peasants who preserve the “Sementes da Paixão” in the rural community São José de Alagoa Nova can contribute to the multiliteracy processes of students at Escola Municipal Mariana Lídia de Ataíde? We aim to reflect on the importance of memories and knowledge passed from generation to generation, through oral tradition. The methodological procedures used are bibliographic studies, local documentary sources, our experience in the educational area, relating to oral history and the appreciation of the seeds of passion. As this is ongoing research, we do not yet have results to be analyzed and discussed.

Keywords: Passion Seeds; Oral history; Memoirs; Ecology of Knowledge.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade estadual da Paraíba (UEPB), Especialista em Educação Infantil (UNIFIP), Mestranda (PPGFP - UEPB), Professora dos Anos Iniciais (Prefeitura Municipal de Alagoa Nova), e-mail: raquel.barroscg@hotmail.com

² Doutor e mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Bacharel e Licenciado em História pelo IFCH- UNICAMP, professor da Universidade Estadual da Paraíba, lotado no Departamento de História, Campus III - Guarabira - PB. Membro permanente e Coordenador do Programa de pós-graduação em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba, e-mail: joaobgbueno@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Percebemos que a formação de educandos letrados e críticos é extremamente necessária no universo educacional. Esta é uma tarefa que exige muito esforço e estratégias diversificadas por parte de nós docentes. Sendo indispensável que o educando esteja motivado a aprender para que essa formação aconteça de maneira fluida e satisfatória. Neste sentido, considerando a importância da aquisição da leitura e da escrita para vida dos nossos educandos, e refletindo sobre a realidade das nossas turmas é possível perceber que, na maioria das vezes, os estudantes apresentam inúmeras dificuldades, principalmente em relação à leitura e a escrita. Em muitos casos, o não “gostar de ler e/ou escrever” ou fazê-los por “obrigação” vêm de uma visão distorcida de como os processos de aquisição de leitura e escrita devem acontecer.

Com a inspiração de quem busca construir possibilidades de aprendizagens que ajudem os educandos se apropriarem dos conhecimentos, propomos uma discussão sobre os processos de alfabetização e multiletramento, com foco na realidade da educação do campo. Para isso, pensamos em consonância com Soares (2009), quando ressalta a diferença entre os termos alfabetização e letramento. O primeiro sendo considerado aquele que apenas ensina a ler e escrever, e o segundo o que define o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Desse modo, nós professores, devemos não apenas alfabetizar os nossos educandos, mas sim, torná-los letrados fazendo com que eles saibam utilizar as práticas de leitura e escrita na sua vida social. Devemos despertar nos nossos educandos a importância de se apropriar das práticas de leitura e escrita e utilizá-las na sua vida cotidiana e não apenas no contexto escolar, para que eles compreendam que a leitura e a escrita vão muito além do ambiente escolar e estão presentes em todas as situações da nossa vida social e cotidiana.

Devemos buscar estratégias diversificadas que despertem nos educandos, o prazer pela leitura e pela escrita. Nesse sentido, é imprescindível discutir a importância das memórias e conhecimentos passados de geração em geração através da tradição oral, buscando preservar as memórias e os saberes transmitidos oralmente.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Buscamos envolver os educandos no processo de aprendizagem com base nos conhecimentos orais dos agricultores da comunidade rural São José, comunidade onde está inserida a Escola Municipal Mariana Lídia de Ataíde³, em Alagoa Nova - PB. Objetivamos refletir sobre a importância dos conhecimentos passados de geração em geração, pelos agricultores que preservam as Sementes da Paixão⁴. Desejamos a valorização de um processo educativo que preserve as memórias e os conhecimentos transmitidos oralmente por esses agricultores.

Este trabalho surgiu a partir do momento em que foram observadas algumas características peculiares da escola e da comunidade na qual ela está inserida. As principais são: o fato de a grande maioria dos estudantes da escola são filhos de trabalhadores do campo. Seus pais são responsáveis pela produção da agricultura familiar, e que muitas vezes, acabam não valorizando os conhecimentos locais das pessoas dessa comunidade.

Para Vieira (2016) algumas das comunidades que a escola atende foram consolidadas a partir de processos de reforma agrária (Engenho Geraldo e Mazagão). As comunidades rurais de Alagoa Nova têm forte influência política e de empoderamento dos trabalhadores do campo proporcionadas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Polo Sindical. Alguns trabalhadores praticam a agroecologia, com o plantio e a preservação das chamadas “Sementes da Paixão”. Estes são alguns dos motivos que nos fazem caminhar por esta pesquisa.

Considerar que estes agricultores possuem conhecimentos e saberes próprios, que muitas vezes, acabam sendo “desvalorizados” e vistos como “ultrapassados”, mesmo sendo tão importantes para todos. Essa é uma situação a ser pensada a partir de uma educação decolonial. Tais conhecimentos devem ser preservados e valorizados pois são conhecimentos que as gerações do presente acabam, muitas vezes, desconhecendo. Nosso intuito, é contribuir com a continuidade desses conhecimentos para gerações futuras, pois, fazem parte da riqueza de saberes e da história da comunidade São José.

Para discorrer sobre a “ecologia dos saberes” fazemos referência as palavras de Santos (1987). Esta é uma proposta que favorece processos dialógicos

³ A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Mariana Lídia de Ataíde está localizada no Sítio Bonito, vizinho à comunidade São José, Zona Rural do município de Alagoa Nova - PB. Atualmente atende crianças da Educação Infantil (Maternal, Pré I e Pré II) no turno da Manhã, e do Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º e 2º ano) no turno da Tarde, atendendo crianças com faixa etária entre 3 e 8 anos de idade.

⁴ As sementes são assim chamadas graças ao apego e carinho que os agricultores têm por elas. A frase “Semente da Paixão” é atribuída ao agricultor Cassimiro Caetano Soares - Seu Dodô.

e colaborativos da comunidade e a escola, exemplos de espaços, que, aos olhos de uma narrativa hegemônica/eurocêntrica, estariam à margem de uma possibilidade de saber.

A comunidade reconhece que os agricultores têm saberes próprios, como por exemplo, o conhecimento sobre o tempo da natureza, do plantio, as sementes, ciclos das águas, fases da lua entre outros, e que esses saberes devem ser compartilhados no espaço escolar como práticas de saber subalternas, assente em saberes não científicos.

Nesse contexto, entendemos que a formação dos educandos para os multiletramentos está inserida em visões sócio-históricas identitárias e são (re)construídas através das oralidades, identidades e saberes tradicionais contidos nas memórias da comunidade. Por esse motivo, é de suma importância que os conhecimentos ancestrais dos agricultores da comunidade São José sejam reconhecidos, valorizados e preservados ao longo dos anos, para que a nossa história não seja esquecida com o passar do tempo.

2. DESENVOLVIMENTO

Os aportes teóricos utilizados para realização deste artigo foram os trabalhos desenvolvidos por Paulino e Gomes (2015), quando falam sobre as Sementes da Paixão; Meihy e Holanda (2015), trazendo contribuições sobre a História oral; Bosi (1979), quando fala sobre memória e sociedade; Hall (2006), quando discute a identidade cultural; Freire (1989), quando destaca a importância da leitura e do conhecimento de mundo e Soares (2009), quando faz reflexões sobre a definição de alfabetização e de letramento; Lorossa (2002) quando discute o conceito do saber da experiência; Gil (2002; 2011); Marconi e Lakatos, (2007) quando falam sobre métodos e técnicas de pesquisa.

Os agricultores, principalmente os de mais idade, possuem saberes importantes para a comunidade na qual estão inseridos. Pois estes conhecimentos são marcados por memórias, afetividade e pertencimento ao lugar. De acordo com Bosi (1979), temos que lutar pelos velhos porque são a fonte de onde jorra a base da cultura e também são guardiões do passado. Ou seja, enaltecer os saberes dos

anciãos é a melhor maneira de aprender sobre a nossa cultura e valorizá-la, preservando assim, a nossa história. Conforme escreveu Benjamin (2005), só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado. Sendo assim, se o nosso passado não é preservado, no presente ele não será percebido, e no futuro será esquecido.

A necessidade de valorizar os saberes dos agricultores, principalmente dos mais velhos, é urgente, pois percebemos que os saberes orais estão sendo, cada vez mais, esfacelados pela sociedade globalizada atual. Os saberes não científicos são considerados, muitas vezes, como menos importantes que os saberes científicos, como se a oralidade não fosse uma forma de compartilhamento de saberes, na qual aprendemos uns com os outros. É possível compreender mais facilmente essa desvalorização dos saberes orais nas palavras de Hall (2006), quando destaca:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (Hall, 2006, p. 7).

Julgamos necessário, refletir sobre a importância de respeitar as pessoas mais velhas, conservar e manter vivo os conhecimentos orais e saberes tradicionais dos camponeses que preservam as “Sementes da Paixão” na comunidade rural São José de Alagoa Nova - PB, contribuindo assim, com os processos de multiletramentos dos educandos da Escola Municipal Mariana Lídia de Ataíde. Para entender melhor, o que são as sementes da paixão destacamos as palavras de Silva e Almeida (2007, p. 17 apud Paulino e Gomes, 2015, p. 518), quando explicam:

As sementes são assim chamadas graças ao apego e carinho que os agricultores têm por elas. A frase “Semente da Paixão” é atribuída ao agricultor Cassimiro Caetano Soares – Seu Dodô, enunciada em um encontro estadual sobre sementes realizado em 1998. Tal agricultor do Sertão paraibano disse: “O que eu quero plantar é o milho jabatão, o feijão corujinha e a fava cara larga, e não a semente que vem de fora. Essas são minhas sementes da paixão. Cada um tem suas sementes da paixão e é nessa diversidade que nós temos que nos apoiar” (SILVA E ALMEIDA, 2007, p. 17 apud PAULINO E GOMES, 2015, p. 518).

As sementes da paixão fazem parte de memórias afetivas dos agricultores

que devem ser conhecidas, respeitadas e valorizadas por todos. Conforme destacam Paulino e Gomes (2015), as nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. Preservar as sementes da paixão é preservar a história da nossa comunidade. Para melhor compreendermos a importância e a necessidade de preservar a nossa história, refletiremos um pouco a respeito de um depoimento dado por um homem, em um relatório de experiência docente, elaborado por Fátima F. Lopes, no ano de 2003, o homem destaca que:

Um povo sem história seria como uma folha voando pelo vento frio do outono. A história faz parte intrínseca de uma nação, de uma cidade, de uma pessoa. O que seria de nós se não tivéssemos nada para contar para nossos filhos, netos...? Então, esta aula que nós tivemos faz com que aprendamos o valor de se preservar, cultivar o amor ao local onde vivemos, respeitar acima de tudo sua vivência e sua história de vida. (Registro de um guarda, em relatório de experiência docente, elaborado por Fátima F. Lopes, então doutoranda, sob a orientação da professora Maria Carolina Bovério Galzenari; dez. 2003; p.149).

Sendo assim, percebemos o quanto é importante preservar, valorizar e manter viva a nossa história, as nossas memórias e as tradições da nossa comunidade, para que os nossos conhecimentos não sejam esquecidos ou desconhecidos das gerações presentes e futuras. Possibilitando assim, a recuperação da memória, que na perspectiva benjaminiana, pressupõe a narrativa das experiências vividas entre diferentes gerações.

Nas palavras de Larrosa, “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” (Larrosa, 2015, p. 26). A definição de Larrosa corrobora com o pensamento de Walter Benjamin, que já no início do século XX observava a pobreza de experiência que caracteriza o mundo. Para esse autor, a experiência é transmitida pela linguística, como por exemplo através dos ditos populares, de contos com caráter moral e relatos de viagens.

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 1933, p. 1).

Como educadores, é nosso papel valorizar as experiências dos nossos

antepassados e da nossa comunidade e possibilitar a transmissão dessas experiências para as novas gerações.

Consideramos que é de fundamental importância fazer referência a proposta de uma “ecologia de saberes”. Para esse diálogo, nos pautamos nas palavras de Santos (1987) quando destaca que a “ecologia de saberes” é uma produção de conhecimentos que favorece processos dialógicos, colaborativos a comunidade que aos olhos de uma narrativa hegemônica estaria à margem de uma possibilidade de saber. Ainda com base nas palavras de Santos (1987), destacamos que há práticas de saber dominantes, assentes na ciência moderna ocidental, e práticas de saber subalternas, assente em saberes não científicos.

Destacamos a ideia da hierarquização dos saberes, citada por Galzenari (2021), quando nos permite refletir que acabamos considerando o saber científico, da academia como um saber legítimo, enquanto desqualificamos outros saberes. Não conseguimos estabelecer uma comunicação entre os diversos saberes socialmente produzidos. Nesse sentido, destacamos a riqueza de saberes dos agricultores, e a necessidade de compartilhá-los, principalmente com as crianças e jovens, para que esses saberes permaneçam sempre vivos em nossa comunidade. Estabelecendo uma comunicação entre os saberes dos agricultores, guardiões das sementes da paixão, e os saberes científicos, favorecendo um processo de aprendizagem mais significativo e mais próximo do cotidiano dos estudantes. Realizando assim, um diálogo entre os saberes sociais e os saberes científicos.

Preservar as “sementes da paixão” é conservar a tradição da agricultura familiar, uma agricultura tradicional, livre de sementes geneticamente modificadas e de agrotóxicos. Quando somos favoráveis ao uso das sementes geneticamente modificadas em detrimento das sementes naturais, estamos, de certa forma, sendo favoráveis à exploração exagerada da natureza. A sociedade moderna capitalista, de acordo com as palavras de Benjamin (2005), reduz a natureza a uma matéria-prima da indústria, a uma mercadoria “gratuita”, a um objeto de dominação e exploração ilimitada.

Relacionando essas palavras com a proposta das práticas pedagógicas através da ecologia dos saberes e multiletramentos, buscamos despertar nos educandos essa perspectiva da importância de preservar o meio ambiente através do conhecimento e da valorização das Sementes da Paixão. Ressaltamos a necessidade de preservar os conhecimentos dos agricultores mais velhos de nossa

comunidade, e, ao mesmo tempo, auxiliar o processo de letramento dos nossos educandos. Permitindo a estes tornarem-se produtores de conhecimentos históricos, conforme é ressaltado por Thompson (1986). Deixando de ser apenas reprodutores de verdades prontas e acabadas, distantes de sua realidade de vida e tornando-se produtores de conhecimento.

Ressaltamos a necessidade de formar educandos críticos e letrados que consigam refletir sobre o que leem e o que vivenciam, e sobre a importância da construção de um conhecimento significativo considerando a realidade dos educandos. Essa é uma tarefa complexa que exige de nós docentes, metodologias diversificadas e atraentes, que contribuam para que essa formação realmente aconteça e os educandos tornem-se, de fato, letrados e críticos.

Para falar de alfabetização e letramento é de fundamental importância trazer o significado desses conceitos, que embora sejam parecidos, são diferentes. Para essa discussão usaremos as reflexões de Soares (2009), que discute com muito pertencimento as definições acerca da alfabetização e do letramento, quando diz que:

[...] alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam. [...] Não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências da leitura e da escrita que a sociedade faz cotidianamente - daí o surgimento do recente termo **letramento** (Soares, 2009, p. 19-20).

Agora, destaco a definição de Magda Soares sobre o conceito de letramento:

[...] o letramento é um *estado*, uma *condição*: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita (Soares, 2009, p. 44.).

Conforme destacado por Magda Soares, o termo letramento é um conceito bem mais amplo do que o conceito de alfabetização. Ser letrado significa ser capaz de compreender e interpretar de maneira ampla o que acontece na sociedade, é saber usar a leitura e a escrita como práticas sociais. Já a alfabetização está relacionada a decodificação de grafemas e fonemas, muitas vezes, sem conseguir compreender o que foi lido.

Assim, é possível entender que ser alfabetizado não é a mesma coisa de ser

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

letrado. Pois, uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada ou o contrário, pode ser letrada e não ser alfabetizada. Nesse sentido, é comum encontrar estudantes, em todos os anos do Ensino Fundamental, tanto nos anos iniciais como nos anos finais, que são apenas alfabetizados. O que acontece, em muitos casos, é que os estudantes são apenas alfabetizados, mas não são letrados, pois apenas conseguem ler sem compreender o que foi lido, apresentando dificuldades em interpretar o que acabou de ler.

Com base na definição de analfabeto trazida no Dicionário Mini Aurélio é considerado analfabeto “Que ou quem não sabe ler e escrever. Que ou quem é muito ignorante” (Ferreira, 2001, p.41). Fazendo uma relação entre a definição do termo letrado e alfabetizado, é perceptível que o primeiro é bem mais amplo e abrangente do que o último.

É possível perceber que quem é apenas alfabetizado pode ser deixado à margem da sociedade, e muitas vezes, acaba não tendo o senso crítico de compreender as questões sociais que os cercam. As pessoas não letradas acabam sendo influenciadas mais facilmente do que as pessoas letradas, que costumam questionar o que acontece ao seu redor.

Nesse sentido, alguém que não sabe ler nem escrever, mas apresenta um amplo conhecimento de mundo e um olhar reflexivo, pode ser considerada letrada, embora não seja alfabetizada. Pois, como destaca Freire (1989) a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Usando também como referência a Base Nacional Comum Curricular - BNCC que destaca em seus objetivos específicos de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental a necessidade de:

Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e desenvolver com maior autonomia e protagonismo na vida social (Brasil, 2017, p. 89).

É perceptível a urgente necessidade de favorecer a formação de educandos letrados e críticos. É importante utilizar as sementes da paixão, os conhecimentos locais e memórias dos agricultores idosos da nossa comunidade como meio de favorecer essas práticas de letramento, objetivando assim, contribuir com a formação de educandos letrados e não apenas alfabetizados. Favorecendo a

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

formação de educandos autônomos capazes de compreender e refletir sobre os mais diversos assuntos. Para que assim, eles sejam capazes de refletir sobre as questões sociais que os cercam e consigam compreender que devem lutar para mudar a realidade e melhorar sua situação social.

Conforme as palavras de Freire (1987) para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem. Nesse sentido, é extremamente importante formarmos educandos conscientes e críticos dos seus direitos e deveres e que sejam capazes de refletir sobre o que acontece na sua vida cotidiana, para que saibam reivindicar seus direitos sempre que for necessário. Daí, a importância de trazer as Sementes da Paixão para o contexto da sala de aula, considerando que de acordo com Freire (1987) “aprendemos em comunhão”. Buscando, desse modo, favorecer a formação de educandos letrados e conscientes do seu papel e importância enquanto cidadão que pertence a uma comunidade, contribuindo para manter viva a história e memória de sua comunidade.

Como bases metodológicas utilizamos, inicialmente, os estudos bibliográficos citados anteriormente, assim como a nossa experiência na área educacional com base na realidade da educação do campo, relacionando com a história oral e a valorização das Sementes da Paixão. Sendo assim, a preservação das Sementes da Paixão é uma forma de manter viva a história oral, os costumes e as tradições da comunidade rural São José.

Os agricultores conhecem as técnicas de manejo da terra, plantio e colheita, sabem o melhor tempo para preparar a terra, para realizar cada tipo de plantio e o tempo correto da colheita de cada produto. Esses são alguns dos conhecimentos adquiridos hereditariamente através da comunicação oral, que estão se perdendo aos poucos. Deste modo, destacamos que, cada vez mais, devemos valorizar e respeitar esses saberes que são ainda mais presentes nos idosos, que devem ser altamente valorizados e respeitados, pois estes são guardiões do saber. Além disso, também é importante incentivar e valorizar a tradição da história oral.

Para discutir um pouco sobre tradição oral dialogamos com as palavras de Meihy e Holanda (2015) quando destacam que a tradição oral trabalha com o pressuposto do reconhecimento do outro em suas possibilidades mais dilatadas.

Assim, preservar a tradição oral é manter viva a história e costumes de uma comunidade. Por isso, buscamos proporcionar aos educandos da Escola Municipal Mariana Lídia de Ataíde, conhecerem as Sementes da Paixão, despertando-os para a necessidade de preservá-las em nossa comunidade, valorizando ao mesmo tempo, a tradição da história oral e enriquecendo as práticas de letramento da nossa escola.

A história oral se encontra profundamente relacionada com a memória, entretanto, segundo Meihy é errado confundi-las, pois a oralidade se interpõe entre elas:

É a dinâmica da oralidade que separa a história da memória. É aí que se dá o papel da história oral como mediadora entre uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais. (Meihy, 2005, p. 63).

É do nosso conhecimento que a memória é construída a partir de fragmentos, o que impossibilita uma reconstrução da história “tal qual aconteceu.” Como observa Meihy, “memória não é uma coisa ou objeto concreto e, por isso, resgatável.” (Meihy, 2005, p. 56).

Partimos do pressuposto de que a narrativa, seja ela oral ou escrita, é sempre uma construção que se dá a partir da seleção de fatos e impressões, ou seja, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. Nesse sentido, cada entrevistado fala aquilo que lembra ou que ouviu falar.

Toda narrativa tem um conteúdo do passado, contudo, é preciso distinguir a memória individual da memória coletiva ou grupal. Segundo Meihy, “a memória pessoal é biológica e psicológica, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente.” (Meihy, 2005, p.61). Com base nesse pensamento podemos afirmar que a memória pessoal, que é individual e varia de pessoa para pessoa, é que constitui a memória coletiva, não como uma simples soma, mas como fenômenos que permitem a um determinado grupo o reconhecimento da sua identidade.

Para a história, o conceito de memória e sua significância é de suma crucialidade. Por meio da memória é possível confrontar passado, presente e futuro; possibilitando exercer comparações, verificar mudanças e evoluções. Na memória se cruzam a lembrança e o esquecimento, e o sentido de percepção que cada pessoa confere as suas vivências, sejam coletivas, individuais, público e privado, sagrado e profano. A memória registra toda e qualquer vivência humana.

As vivências humanas são geradoras de aprendizagens e vivências únicas, que constroem memórias e a história. Conforme, demonstra, Delgado, 2006, p.12:

Em outras palavras, se o tempo confere singularidade a cada experiência concreta da vida humana, também a define como vivência da pluralidade, pois em cada movimento da história entrecruzam-se tempos múltiplos, que acoplados à experiência singular/espacial lhe conferem originalidade e substância. (Delgado, 2006, p.12).

De acordo com as palavras citadas anteriormente, o tempo impõe singularidades às experiências e vivências humanas. Definindo as vivências adquiridas ao longo da vida como “vivências da pluralidade”, no sentido que o movimento histórico entrecruza tempos e vivências múltiplas, que, unidos com experiências singulares, oferecem originalidade vivências cumulativas de cada ser humano ao longo da vida.

De acordo com e Holanda (2015) a memória é cheia de emoções, sensibilidades e sentimentos. A memória é produzida no presente trazendo indícios do passado e sempre se atualiza de acordo com o tempo. Assim, ao mesmo tempo em que buscamos preservar a tradição das sementes da paixão, preservamos os saberes, as memórias dos agricultores da comunidade São José e a história dessa comunidade. Nesse contexto, destacamos o conceito do saber da experiência que de acordo com Larrosa (2002):

O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (Larrosa, 2002, p.32).

Refletindo sobre a importância da experiência e a singularidade com a qual cada pessoa entende e sente determinada experiência, ressaltamos a importância e a necessidade de preservar a riqueza de saberes dos agricultores que preservam as Sementes da Paixão na comunidade São José. É importante destacar que os currículos atuais pouco valorizam o conhecimento local, esquecendo as especificidades e a diversidade de saberes das localidades onde as escolas estão inseridas.

O currículo local é deixado à margem dos demais conhecimentos a serem ensinados e aprendidos em sala de aula, o que acaba minimizando a importância do deste currículo como forma de preservar a ancestralidade das pessoas de cada

comunidade. Desse modo, é possível perceber o quanto os saberes locais pouco são abordados no currículo que seguimos atualmente.

Valorizar a memória dos agricultores mais velhos é conhecer e conservar o nosso passado e uma forma de enriquecer o nosso currículo local. Refletindo sobre essa ausência de saberes locais no contexto escolar e a necessidade de inseri-los em sala de aula, buscamos proporcionar vivências que favoreçam a valorização de um processo educativo que envolva educandos, família, comunidade e funcionários da escola. Almejamos a preservação das memórias e conhecimentos transmitidos de maneira intergeracional através da oralidade, tornando a aprendizagem mais significativa, favorecendo o processo de multiletramento dos educandos e a preservação das Sementes da Paixão, tradição que é tão rica para a comunidade São José.

Como o presente artigo resulta de uma pesquisa em andamento, alguns passos planejados ainda serão realizados. Após os estudos teóricos realizados, proporcionaremos momentos que favoreçam a valorização de um processo educativo envolvendo educandos, família, comunidade e funcionários da escola, buscando a preservação das memórias e conhecimentos transmitidos oralmente. Buscaremos trazer para o contexto escolar os agricultores da comunidade São José para explicar aos educandos, por meio de relatos orais, o que é, e como acontece o processo de armazenamento das Sementes da Paixão, além da importância de preservar essa tradição na nossa comunidade. Também serão realizadas aulas de campo, para os educandos conhecerem mais de perto as famosas Sementes da Paixão, proporcionando uma aprendizagem mais atraente e significativa.

Também serão aplicados questionários, que de acordo com as palavras de Gil (1999, p. 128) pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito à pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”. Os questionários serão realizados com os agricultores guardiões das Sementes da Paixão com a participação dos educandos, estabelecendo relações e analisando os processos de multiletramentos propostos e desenvolvidos no espaço escolar em diálogo com os saberes agroecológicos intrínsecos à visão política de preservação das Sementes da Paixão, favorecendo a preservação dessa tradição tão rica. De acordo com Lakatos, (1999):

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

O questionário é um instrumento desenvolvido cientificamente, composto de um conjunto de perguntas ordenadas de acordo com um critério predeterminado, que deve ser respondido sem a presença do entrevistador e que tem por objetivo coletar dados de um grupo de respondentes. (Lakatos,1999, p. 100).

Posteriormente serão realizadas entrevistas com os agricultores guardiões das Sementes da Paixão. De acordo com Marconi e Lakatos (2007) a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações sobre determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. Por isso, consideramos a entrevista uma das técnicas necessárias para a coleta de dados dessa pesquisa. Ainda de acordo com Marconi e Lakatos (2007) trata-se de um procedimento utilizado na investigação social, coleta de dados, para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Prosseguindo com a nossa reflexão sobre os conceitos da técnica da entrevista, destacamos as palavras de Ribeiro (2008) quando ressalta que a entrevista é a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, permite conhecer atitudes, sentimentos e valores implícitos ao comportamento, podendo ir além das descrições de ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. O tipo de entrevista a ser utilizado, ainda está em fase de definição. Posterior a realização das entrevistas serão realizadas as transcrições e análises delas. Como trata-se de uma pesquisa em andamento, ainda não dispomos de resultados a serem analisados e discutidos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho percebemos a importância e necessidade de preservar os conhecimentos tradicionais dos agricultores que preservam as Sementes da Paixão na comunidade rural São José. Assim como a necessidade de manter viva a riqueza de saberes, valorizando o conhecimento local e considerando as especificidades e diversidade de saberes da comunidade na qual a escola está inserida. Valorizar o currículo local é preservar a ancestralidade das pessoas de cada comunidade. Nesse sentido, valorizar a memória dos agricultores mais velhos

é conhecer e conservar o nosso passado, mantendo viva as memórias e tradições ancestrais da comunidade.

Destacamos a necessidade de favorecer a formação de educandos letrados, a partir dos conhecimentos locais e memórias dos agricultores que preservam as Sementes da Paixão da nossa comunidade, como meio de favorecer essas práticas de letramento, contribuindo com a formação de educandos letrados e não apenas alfabetizados. Favorecendo a formação de educandos autônomos capazes de compreender os mais diversos assuntos, que reflitam sobre as questões sociais que os cercam.

Este trabalho é relevante para professores da Educação Básica, principalmente, aqueles que atuam em escolas públicas do campo. Também é importante para pesquisadores da área da educação, quem trabalha na área da educação. E para todas as pessoas que tenham interesse em compreender como os processos de letramento podem ser desenvolvidos através dos conhecimentos orais e saberes do campo a partir das Sementes da Paixão dos agricultores da comunidade São José e sítios vizinhos.

4. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo. Boitempo, 2005. p.70 - 110.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, magia e técnica, arte e política**. Trad: S.P Rouanet. São Paulo, Brasiliense 1996.

BONDIÁ, Jorge Lorossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira da Educação, Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembranças de velhos**. Biblioteca de Letras e Ciências Humanas. São Paulo; T.A. Queiroz, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 14 Jun. 2024.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores associados; Cortez, 1989 (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4). Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/A-Importancia-do-Ato-de-Ler-Paulo-Freire.pdf> Acesso em: 18 Jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALZENARI, M. C. B. **Imagens que lampejam: ensaios sobre memória, história e educação das sensibilidades** - Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São paulo: Atlas, 2011.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11^a ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

MARCONI. M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

MEIHY. J. C. S.; HOLANDA. F. **História oral: como fazer, como pensar**. 2^a ed., 4^a reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5^a edição. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

NEVES, Margarida de Souza. **História e Memória: os jogos da memória**. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access, 1998.

PAULINO, J. S; GOMES, R. A. **Sementes da Paixão: agroecologia e resgate da tradição**. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 53, No 03, p. 517-528, Jul/Set 2015 – Impressa em Novembro de 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-9479005303008>. Acesso em: 13. Jun. 2024.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto: História e ideias, 1987.

SILVA, E. D. et al. Pesquisa participativa para avaliação e seleção das Sementes da Paixão junto às famílias agricultoras na Paraíba. Trabalho apresentado no VII Congresso Brasileiro de Agroecologia. Fortaleza, CE - 12 a 16/12/2011.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5925603/mod_resource/content/1/SOARES_Magda_Letramento_Um_tema_de_tres.pdf>. Acesso em: 18 Jun. 2024.

VIEIRA, Jadson Pereira. **Engenho de memórias: mulheres camponesas, escritas de si e a força da amizade**. João Pessoa: UFPB (Dissertação de Mestrado), 2016. Disponível em < https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8551?locale=pt_BR> Acesso em: 18 Jun. 2024.